ISSN: 1678-0655 n° 6

A Otobiografia como uma Nova Perspectiva para as Pesquisas em Educação

Lílian Rose A. N. Garcia de Santana[1]
Silas Borges Monteiro[2]
Márcia Helena de Moraes Souza[3]

Resumo: Este texto apresenta a proposição de uma nova perspectiva para as pesquisas em Educação realizada pelo *Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática, Filosofia e Formação de Educadores* da UFMT. Esta perspectiva trata-se do Método Otobiográfico que consiste na aplicação do conceito de otobiografia de Jacques Derrida em pesquisas sobre como indivíduos tornam-se o que são, por isso, estas pesquisas fundamentam-se também no conceito de vivências de Friedrich Wilhelm Nietzsche e no conceito de individuação de Gilles Deleuze.

Palavras-chaves: otobiografia, vivências, individuação.

Abstract: This text shows a proposition of a new perspective to the researches in Education developed by the Studies and Researches Group in Philosophy, Didactic and Teacher Education of UFMT. This perspective is about the Otobiographic Method that consists about the application of the otobio-

1 Mestre em Educação, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – UFMT.
2 Doutor em Educação pela USP, professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, professor do curso de Especialização em Fundamentos da Educação, didática e docência do ensino superior do UNIVAG.
3 Mestre em Educação, professora da Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia – SECITEC.

graphy concept of Jacques Derrida in researches about how individuals have become what they are, due to the fact, these researches were also substantiated on the life-experiences concept of Friedrich Wilhelm Nietzsche and on the individuation concept of Gilles Deleuze.

Keywords: otobiography, life-experiences, individuation.

O *Grupo de Estudos em Didática, Filosofia e Formação de Educadores* (GEDFFE), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), tem desenvolvido algumas pesquisas nas quais é empregado o que foi denominado de método Otobiográfico. Buscamos, com este texto, relatar os caminhos epistemológicos percorridos pelo grupo na tentativa de propor nova perspectiva para as pesquisas em Educação.

O que denominamos de método otobiográfico foi reconcebido por Monteiro (2004), ao tomar o conceito de otobiografia do filósofo francês Jacques Derrida, redirecionando-o para outro fim, o qual seja o da pesquisa em educação.

O conceito de otobiografia foi empregado como método de pesquisa pela primeira vez por Monteiro, em seu trabalho de doutorado realizado na Universidade de São Paulo sob a orientação da professora Drª. Selma Garrido Pimenta, defendido no ano de 2004, assim intitulado *Quando a pedagogia forma professores. Uma investigação otobiográfica*. Trata-se de pesquisa teórica, de cunho filosófico-educacional, sobre formação de professores na Licenciatura em Pedagogia da UFMT, em que o autor procura demonstrar que teorias filosóficas que procuram captar e evidenciar os fenômenos da prática podem ser muito úteis para a avaliação da formação de professores.

Inicialmente, procuraremos mostrar o movimento realizado por Monteiro até chegar à apropriação do conceito de otobiografia e à aplicação deste em seu trabalho de doutorado. A seguir, será feita breve apresentação dos trabalhos realizados no âmbito do GEDFFE com o emprego do método otobiográfico.

O trabalho de Monteiro consiste na análise de processos formativos. Como sua formação de graduação se assenta na Filosofia, realizou essa

ISSN: 1678-0655 n° 6

análise sustentado no vocabulário conceitual dessa área do conhecimento, do qual destacamos o conceito de otobiografia do filósofo francês Jacques Derrida. Como ele mesmo diz, ensaia novos diálogos entre a contribuição conceitual da educação de Selma Garrido Pimenta, José Carlos Libâneo e Kenneth M. Zeichner imbrincada com as elaborações filosóficas de filósofos como Martin Heidegger, os pré-socráticos e Friedrich Wilhelm Nietzsche.

No ano de 2000, Monteiro escreveu um ensaio intitulado "*Pesquisa e produção de conhecimento na formação de professores*". Propósito era de indicar elementos para iniciar uma reflexão sobre a formação de professores na Licenciatura Plena em Pedagogia da UFMT. Os conceitos que deram sustentação a essa discussão foram os de "pesquisa-colaborativa", de Selma Garrido Pimenta, e "autoredescrição", de Richard Rorty. Este, por entender que contribuía para a avaliação do dossiê de conclusão do curso, uma vez que esse trabalho pretende ser uma reflexão da estudante sobre sua própria formação no curso de Licenciatura em Pedagogia. Monteiro havia escolhido o dossiê de conclusão de curso como objeto de análise. Entretanto, no decorrer do doutorado, substituiu a *autoredescrição,* proposta por Rorty, pelo conceito de *professor reflexivo,* nas concepções de Zeichner e Pimenta, por compreender que se adequava melhor ao que pretendia, e produziu o texto que se intitula: *Epistemologia da prática: professor reflexivo e pesquisa colaborativa*.

Ao iniciar a leitura dos dossiês, Monteiro divisou uma característica sempre presente, o tom autobiográfico, por isso julgou ser fértil experimentar na análise desses textos as concepções de Nietzsche sobre reflexão filosófica e vivência. Para esse procedimento metodológico, decidiu não se colocar como leitor, mas como ouvinte, daí recorrer a Derrida para o uso do conceito de otobiografia. Monteiro diz que, dos escritos dos filósofos que orientam o seu trabalho, ele toma os conceitos para compreender os escritos das estudantes da Pedagogia. O conceito de otobiografia vem da leitura de Nietzsche feita por Derrida, no livro *Otobiographies L'enseignement de Nietzsche et la politique dun nom propre.*[4]

4 Otobiografia: o ensino de Nietzsche e a política do nome próprio.

ISSN: 1678-0655 n° 6

O conceito de otobiografia foi proposto por Derrida e apresentado nos Estados Unidos, em um texto de uma conferência proferida na Universidade de Virgínia, no ano de 1976 dando origem à obra a que referimos em passo anterior.

Otobiografia significa ouvir a biografia. Ouvir a história da vida de uma pessoa, neste contexto, não é mera captação acústica, mas busca de significados nos textos autobiográficos. Para ouvir as vivências, o ouvinte não pode ser passivo, sem intencionalidade. Antes, deve procurar a vida que pulsa nos textos e, principalmente, como enfatiza Monteiro (2004, p. 73), "captar melhor **o que quer essa vida ouvida**" [grifo nosso].

De acordo com Monteiro (2004), em seu trabalho a otobiografia toma a conotação de método, mais especificamente método de escuta das vivências das professoras em formação. A partir da leitura que faz de Derrida, encarece que a otobiografia é "o empenho em dar ouvido às vivências que tomam a palavra nas expressões humanas" (MONTEIRO, 2004, p. 21). A audição é, então, uma metáfora orientadora de seu trabalho, por isso intitula vários capítulos por *ressonâncias, não sem assegurar* que o método utilizado nessa pesquisa é a escuta das vivências, denominando-o por otobiografia. Monteiro (2004, p. 19) se refere ao método tomado em seu trabalho como "*experimento de perspectivas* acerca da formação". Citando Descartes, diz que propôs, a si mesmo, não *o* caminho da investigação, mas *um* que lhe fosse útil, talvez só a si mesmo. Inspirando-se no estilo filosófico de Nietzsche, propõe a construção do conhecimento por experiências com o pensar. A aplicação do conceito de otobiografia em seu trabalho de doutorado é um sintoma desse pensamento.

Monteiro (2004) acentua que pretende examinar os trabalhos de conclusão de curso das estudantes, mas, a seguir, pontua que o verbo "examinar" é inadequado ao que pretende fazer e o substitui por *ouvir*, explicando que pretende *ouvir* o que foi vivido por algumas delas durante a formação, *ouvir* as vivências que ressoam dos dossiês. Justifica a adoção do termo *ouvir* porque remete ao fisiologismo da Filosofia de Nietzsche, principal operador teórico de seu trabalho, o qual, radical na crítica à metafísica, estabelece o organismo como operador do pensamento. Então, elege o ouvido como "caminho de produção de conhecimento" e se propõe *ouvir* as vivências das estudantes.

ISSN: 1678-0655 n° 6

Monteiro (2004) toma como hipótese conceitual a ideia de Nietzsche de que os conceitos não resultam de operação cerebral, mas de experiências orgânicas, movimento fisiológico que o filósofo alemão conceitua como *vivências*. Portanto, se forem as vivências que produzem conceitos, pensamentos, ideias, estes remetem a elas. Assim, mediado pela Filosofia de Nietzsche, ao *ouvir* o que foi produzido pelas estudantes em seus dossiês, Monteiro supôs *ouvir* as vivências da formação. Para Nietzsche, é por meio das vivências que *nos tornamos o que somos*, por isso o conhecimento das vivências das estudantes no âmbito do curso de formação poderia levar a um melhor entendimento do tipo de profissional formado no curso de Licenciatura em Pedagogia da UFMT.

Uma das fases do trabalho científico, tal como é compreendido no âmbito da ciência moderna, é a análise dos dados, todavia Monteiro declara que não trata os dossiês como "dados da pesquisa". Isso implicaria a clássica relação sujeito-objeto, marcada pela postura de neutralidade e distância do pesquisador em relação a seu objeto. Em contrário, ele os assume como conhecimento produzido pelas estudantes ao término de sua formação por recolher suas assinaturas e seus estilos e, com este entendimento, os lê como lê os autores que dão fundamentação teórica a seu trabalho. Além disso, com a compreensão de que a distância entre autor e texto é infinitamente pequena, os textos não poderiam ser tratados como objeto, porque, se assim o fosse, o pesquisador também estaria tratando indivíduos como objetos, pretensão que não existia.

Com o pressuposto de que a vida cria um estilo de pensamento, Monteiro procura ouvir a vida das estudantes, dialogando com suas produções, dado que a vida cria forças que impulsionam decisões e ações. Então, busca identificar os sintomas, as forças presentes na formação das estudantes explicitadas nos textos. Os sintomas são suas vivências, contadas e analisadas por elas mesmas nos trabalhos de conclusão de curso. Procura pelas vivências da formação, por acreditar que são elas que nos patenteiam os valores e os saberes construídos ao longo do processo formativo. Mais especificamente, procura identificar os sentidos suscitados pelas vivências.

Monteiro (2004, p. 27) não dá ao trabalho que realiza com os textos das estudantes o caráter de exame. Pondera que com eles pretende dialogar: "Elas falam. Escuto. Depois, tenho algo a dizer". Fala em interpretação do

conhecimento produzido pelas estudantes e em captação hermenêutica do sentido que deram a essa formação. Estabelece a tese de que pedagogos e professores possuem *vivências* que os tornam peculiares.

Contudo, Monteiro (2004) adverte para o fato de que a consideração de uma estreita vinculação entre a produção e as vivências do autor não implica dar tratamento de análise psicológica a este. A abordagem psicológica na Filosofia, prática muito comum nos primórdios desta ciência no Brasil, foi superada com a influência do movimento estruturalista que introduziu um método para o tratamento dos textos (DELEUZE, 1974). A otobiografia não consiste em análise psicológica, mas também se afasta do método estruturalista, com o qual apenas tem em comum o trato com o texto, porém de forma diferenciada. Quando se analisa um texto, não se podem ignorar as contribuições do estruturalismo, a questão do signo, sabendo que todo texto tem uma estrutura que vem da linguagem. No entanto, a otobiografia é um conceito de Derrida, que não era estruturalista. Nessa esteira, a otobiografia se assemelha ao estruturalismo no que se refere ao trabalho com o texto e seu discurso. Se bem assim, enquanto o estruturalismo se preocupa com as produções simbólicas, isto é, com os signos, a otobiografia se atém aos signatários, ou seja, com os que assinam. A partir dos movimentos, ou seja, das vivências, buscam-se as lógicas por elas suscitadas e, assim, a construção do pensamento dos autores. Além disso, na otobiografia as narrativas são analisadas sem pretender um sentido oculto, uma essência para além do que está sendo dito. A otobiografia não ignora a noção do signo, das características da estrutura do texto. Por outro lado, não perde a perspectiva de que o texto é a coisa mesma, no sentido fenomenológico de que as coisas revelam a minha consciência. Por conseguinte podemos dizer que a otobiografia tem inspiração fenomenológica. Os dois métodos, isto é, o estruturalismo e a otobiografia, têm em comum a busca pelo significado. O estruturalismo persegue o que o autor pensou para dizer aquilo. Já a otobiografia busca o que ele quer ao dizer aquilo e o que ele quer é sustentado por vivências.

Monteiro (2004, p. 36) alude à nova estrutura de questionamento, segundo a qual o "filósofo vai ao encalço de vivências relacionadas aos impulsos orgânicos, que interpretam e atribuem sentido ao mundo". Diz que, para Nietzsche, a Filosofia é marcada pela falta de espírito histórico, pois ig-

ISSN: 1678-0655 n° 6

nora as forças que operam nas produções do espírito humano. Assegura também que esse pensador faz uma inversão do questionamento e, ao contrário dos filósofos da Grécia antiga, que buscavam captar a essência das coisas através da interrogação lógica, "pergunta pelos estados de alma, pelas forças que atribuem predicado às coisas" (MONTEIRO, 2004, p. 38). Platão perguntava pelo "que é", Nietzsche quer saber "quem se é" e, no entender de Monteiro (2004, p. 38), isto acarreta esta implicação: "sendo uma coisa dada, quais são as forças que dela se apoderam, qual é a vontade que a possui? Quem se exprime se manifesta, e mesmo se esconde nela?".

Para Monteiro (2004, p. 78), não é possível ouvir a vida que se apresenta nos textos através de formas de raciocínio lineares, uma vez que exige diálogo contínuo com o que foi produzido. Entretanto, nos propõe a questão: como pensar não linearmente?

Diz que o seu trabalho não tem a pretensão de registro da verdade e que é tomado como verdade, aquilo que foi narrado. Ouvir a vida, portanto, "é percorrer o labirinto das significações dos impulsos presentes na produção humana" (MONTEIRO, 2004, p. 78).

Sobre o trabalho que realiza com os dossiês das estudantes, Monteiro (2004) frisa que não procura, prioritariamente, as semelhanças, mas abre-se às diferenças, ao intempestivo, à assinatura. Porém, afirma que isso não significa desprezar repetições e que a estas dá tratamento conforme sugere Deleuze:

> A repetição só é uma conduta necessária e fundada apenas em relação ao que não pode ser substituído. Como conduta e como ponto de vista, a repetição concerne a uma singularidade não trocável, insubstituível. (DELEUZE, 2004, p. 22).

De conformidade com o pensamento de Deleuze, Monteiro repetiu a diferença que possui cada produção, ao respeitar e publicar suas assinaturas.

Na conclusão, Monteiro (2004) retoma, em tom interpretativo, as falas das professoras-estudantes e também acena a suas próprias vivências. A provisoriedade das análises e o perspectivismo são marcas de seu trabalho, fazendo questão de firmar.

Derrida critica as ciências por criarem objetos recortados de sua dinâmica, de sua vida. O método adotado em alguns trabalhos desenvolvidos

ISSN: 1678-0655 n° 6

pelo GEDFFE, denominado método otobiográfico, visa não separar o autor de sua obra e, assim, levar em consideração as experiências de vida do autor que deixaram marcas, geraram concepções, desenvolveram crenças, levaram à tomada de atitudes, à realização de opções. Enfim, de todas as transformações pelas quais o autor foi passando no decorrer da sua trajetória de vida e que o tornou o que é. Sendo assim, o autor se materializa no texto; o texto é ele. A ideia é conhecer o autor através de sua obra, pois esta tem sua marca, e a obra considerada nos trabalhos desenvolvidos são as narrativas dos autores.

Nietzsche testemunha "Nossas verdadeiras vivências não são nada loquazes. Não poderiam comunicar a si próprias, ainda que quisessem. É que lhes faltam as palavras. Aquilo para o qual temos palavras, já o deixamos para trás"[5], No assim se expressar, está subentendendo que, quando alguém escreve, escreve somente sobre o que já superou, ou seja, só temos palavras para as vivências que já foram superadas. Então a escrita é a síntese da superação daquilo que já experimentamos.

De acordo com o pensamento de Nietzsche[6], enquanto a pessoa está vivendo, ela ainda está mastigando aquilo, está digerindo e depois que absorve suas vivências, ela se torna o que ela é. Com esta relação entre vivências e estrutura orgânica, ele diz que as vivências é que nos tornam o que somos, posto que somos o que nosso corpo é, assim como nosso corpo é o que somos.

Então, para Nietzsche, depois que digere suas vivências e se torna o que é, a pessoa é capaz de sentar-se e escrever. Sendo assim, quando alguém elabora, fala, narra, descreve, ela está descrevendo aquilo que já superou e, como já foi vivido, é a oportunidade de atribuir novos significados àquilo. Por isso que, às vezes, ouvismos: "Puxa! Eu nunca tinha pensado nisso". Isso acontece porque, nesse momento, ela foi capaz de trazer à memória suas vivências e lhes conferir novo significado, descobrindo novo sentido para aquilo que vivenciou. A otobiografia vai fundo nas vivências materializadas no texto, sendo essa sua peculiaridade. Tem

5 Nietzsche, *Crepúsculo dos ídolos*, Incursões de um extemporâneo, § 9 [26].
6 Nietzsche, *Genealogia da moral, uma polêmica*, Terceira Dissertação, § 16.

inspiração estruturalista e fenomenológica, mas vai além desses métodos, de modo que podemos dizer que é uma síntese posterior a estes.

Na leitura que Derrida faz de Nietzsche, um texto é autobiográfico não porque o autor conta sua vida, mas porque ele a conta para si mesmo, sendo o primeiro destinatário da narração.

Foram realizados até agora, no âmbito do programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT e do GEDFFE, outros quatro trabalhos relacionados com o conceito de otobiografia. Desses, três utilizaram a otobiografia como procedimento metodológico, e o mais recente teve como objetivo aprofundar e ampliar os conhecimentos sobre Derrida como leitor de Nietzsche, visando propiciar maior fundamentação teórica para a consolidação do método.

O segundo trabalho realizado com a utilização do método otobiográfico foi a dissertação de mestrado de Santana (2008), orientada por Monteiro e defendida em 2008. O trabalho intitulado *Quando engenheiros se tornam professores* teve como referência os professores lotados nos departamentos de Engenharia Civil, Engenharia Elétrica e Engenharia Sanitária e Ambiental, da Faculdade de Arquitetura, Engenharia e Tecnologia (FAET) da UFMT. O objetivo foi investigar como indivíduos formados para serem engenheiros se tornam professores dos cursos de engenharia. Fundamentou-se no conceito de *vivências* de Nietzsche, no conceito de *Profissional Reflexivo* de Schön, secundado nas pesquisas realizadas por Pimenta e Zeichner. A autora adotou como procedimento metodológico a *escuta das vivências* dos engenheiros-professores, ancorada no trabalho de doutorado de Monteiro.

A seguir, foi realizada a defesa da dissertação de mestrado de Oliveira (2009), também sob a orientação de Monteiro, intitulada *Caminhos formativos que conduzem à Pedagogia.* A pesquisa que originou essa dissertação teve como foco as graduandas do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFMT. Fundamentado no pensamento de Nietzsche sobre como alguém se torna o que é, o objetivo deste trabalho foi investigar como estas estudantes se tornaram pedagogas. Adotou-se como procedimento metodológico a escuta das vivências das graduandas, com o propósito de identificar os impulsos que tomam a palavra em suas narrativas e que as direcionam para a profissão, dando sentido às suas ações.

ISSN: 1678-0655 nº 6

A terceira pesquisa realizada com o método otobiográfico foi a de Mainardi (2009), outra dissertação de mestrado orientada por Monteiro, cujo título é *A formação da mulher para se tornar policial militar em Mato Grosso*. Como indica a autora, a finalidade desta investigação era compreender a formação das mulheres policiais militares de Mato Grosso através da escuta das vivências cotidianas que compõem sua identidade pessoal e profissional. Com a escuta, buscou-se a identificação das experiências vividas por elas e que as tornaram o que são. Foram quatro as mulheres ouvidas, selecionadas no universo da Escola Estadual da Polícia Militar Tiradentes, em Cuiabá-MT: duas oficiais e duas praças.

Como já foi dito, os textos das narrativas não são tratados como dados, uma vez que nessas pesquisas não cabe a relação sujeito-objeto, pois essa dicotomia demanda neutralidade da parte do pesquisador e, nas quatro pesquisas citadas, os autores fazem parte do universo estudado. Monteiro participava do Programa de Qualificação, realizou trabalho na coordenação do curso de Licenciatura à época de seu início e também era professor de Filosofia da Educação do curso. Santana é graduada em Engenharia Civil, professora lotada no departamento de Engenharia Civil da UFMT. Portanto, também é o que ela denomina, em seu trabalho, engenheira-professora. Oliveira é pedagoga e ex-aluna da Licenciatura em Pedagogia da UFMT e Mainardi é policial militar da mesma corporação das policiais que ouviu em seu trabalho. Até agora esta tem sido uma peculiaridade das pesquisas realizadas por membros do GEDFFE com a aplicação do conceito de otobiografia, o que é compatível com o pensamento de Nietzsche: "Para aquilo a que não se tem acesso por vivência, não se tem ouvido"[7]. Orientados por essa ideia do filósofo, acreditamos que a participação do pesquisador do contexto estudado torna a escuta mais reverberante e mais próxima da compreensão do processo de como se tornaram o que são.

No mês de julho de 2010, Lopes, outra orientanda de Monteiro, defendeu a dissertação de mestrado intitulada de *Otobiografias – escuta-estilo-escrita para a autobiografia e a autoformação*. Esse trabalho apresenta uma síntese do pensamento de Derrida, principalmente no que concerne

7 Nietzsche, *Assim falava Zaratustra, Por que escrevo livros tão bons*, §1.

ISSN: 1678-0655 n° 6

à obra *Otobiografia: o ensino de Nietzsche e a política do nome próprio*. Visa criar uma *atmosfera* para a inscrição do método otobiográfico a partir de Derrida e Nietzsche. Por este motivo, o movimento realizado por Lopes vai ao encontro da percepção de Derrida como leitor de Nietzsche, apropriando-se do discurso do primeiro sobre a otobiografia no desejo de encontrar leituras para abordar autobiografia e autoformação.

De acordo com Lopes (2010), Derrida, no propor a desconstrução, inaugura nova forma de examinar os textos literários e, por extensão e vínculo, os textos filosóficos. Conferindo status de identidade à diferença, rompe com a univocidade, o unitário, e insere vocábulos que engendram multiplicidade e ambivalência. O trabalho de Lopes também representa uma tentativa de aproximar o autor Derrida dos estudos que são realizados no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Educação da UFMT, tendo em vista que este autor não faz parte dos teóricos que circulam e fecundam este *lócus* acadêmico. Sendo assim, ao abordar Derrida, leitor de Nietzsche, aporta para este ambiente uma contribuição específica no sentido de desconstruir hábitos e crenças tradicionais, criando circunstâncias favorecedoras para o surgimento de novas perspectivas para as investigações científicas.

Muitos pesquisadores experientes e com grande competência já atuam segundo as perspectivas que tradicionalmente orientam as pesquisas na área da Educação. Por isso o GEDFFE, grupo de pesquisa coordenado por Monteiro, procura propor nova perspectiva para as pesquisas em Educação, buscando a consolidação do procedimento metodológico que denomina de método otobiográfico. Com este propósito, exercita o instrumento para a escuta das narrativas, dá continuidade aos estudos sobre conceitos como vivência, sintoma, afeto e instinto. Investe na ideia de estilo de individuação, ou estilo de constituição de si, por acreditar que cada um tece sobre si mesmo. Daí a necessidade da reflexão: do que sou constituído? Como me torno o que sou? Deseja falar sobre o que não implicou grandes consequências, que, no entanto, faz parte da história dos indivíduos e, por isso, não deve ser esquecido. Instruído por Deleuze e, ao contrário dos procedimentos metodológicos tradicionais que buscam

ISSN: 1678-0655 n° 6

a repetição pelo pressuposto de que esta diz de todos, isto é, generaliza, universaliza, não procura a repetição, mas reconhece que ela pode ocorrer. Neste caso, propõe dar-lhe tratamento diferenciado, com o pressuposto de que a repetição diz de um só indivíduo. Mas *diferença e repetição* é tema para outro texto.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. Em que se pode reconhecer o estruturalismo? In: CHÂTELET, François. (org.). *História da filosofia – Ideias, Doutrinas, o século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, v. 8. 1974.

DERRIDA, Jacques. *Otobiographies. L'enseignement de Nietzsche et la politique dun nom propre*. Paris: Éditions Galilée, 1984.

LOPES, Eliete Borges. Cuiabá: UFMT, 2010. Dissertação (Mestrado em Educação), Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, 2010.

MAINARDI, Diva Maria Oliveira. *A formação da mulher para se tornar policial militar em Mato Grosso*. Cuiabá: UFMT, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação), Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, 2009.

MONTEIRO, Silas Borges. *Quando a pedagogia forma professores. Uma investigação otobiográfica.* São Paulo: USP, 2004. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2004.

_____. *Pesquisa e produção de conhecimento na formação de professores*, Revista de Educação Pública, Cuiabá: EdUFMT, v. 9, n. 15, jan-jun 2000, p. 71-86.

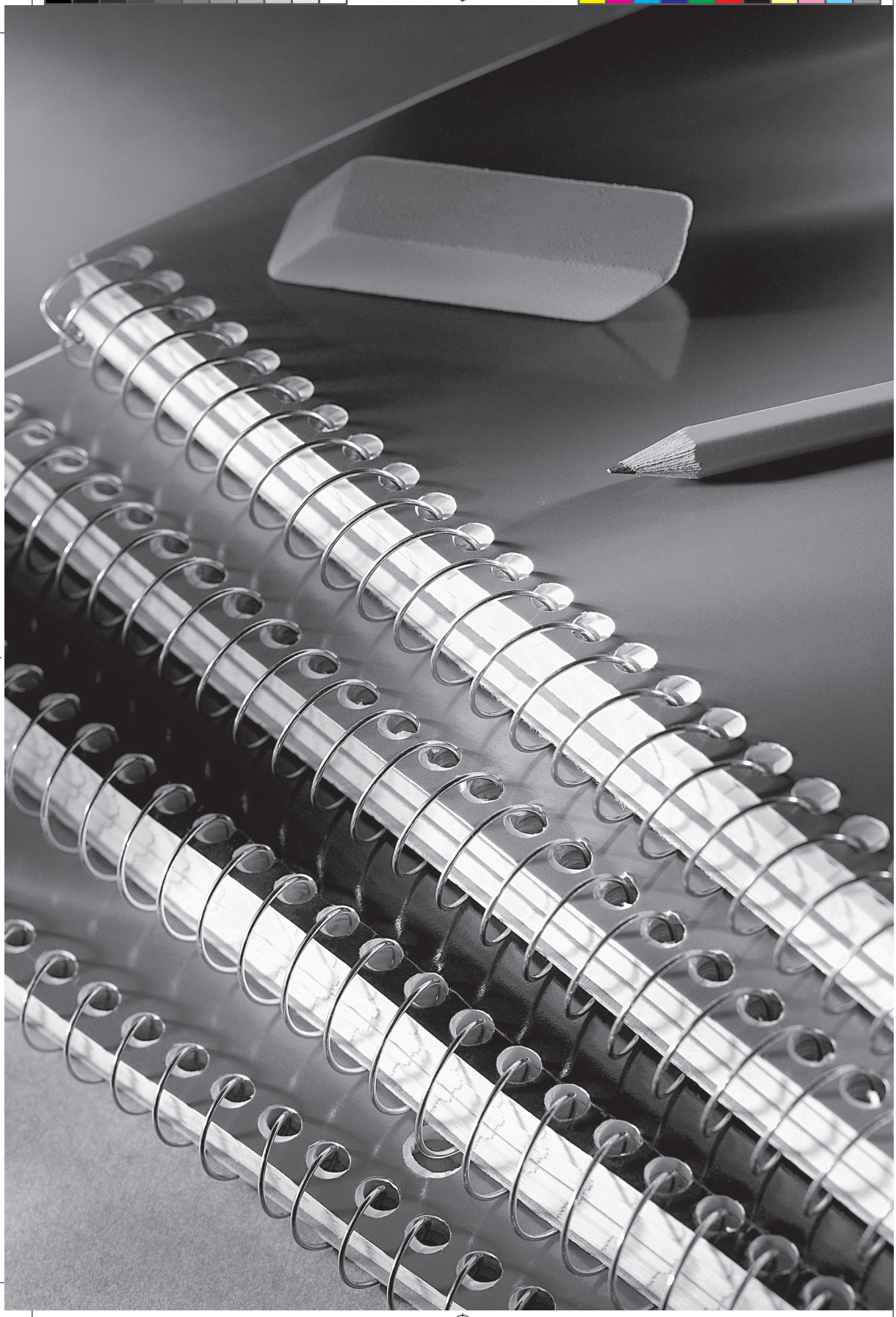
NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Genealogia da moral.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OLIVEIRA, Dayse Iara Ferreira de. *Caminhos formativos que conduzem à Pedagogia.* Cuiabá: UFMT, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação), Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, 2009.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: Selma Garrido Pimenta e Evandro Ghedin (orgs.): *Professor reflexivo no Brasil. Gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez Editora, 2002, p. 17-52.

ISSN: 1678-0655 n° 6

SANTANA, Lilian Rose Aguiar Nascimento Garcia de. *Quando engenheiros tornam-se professores***.** Cuiabá: UFMT, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação), Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, 2008.